

## ORIENTAÇÕES DO PENSAMENTO FILOSÓFICO-LINGUÍSTICO CRITICADAS POR BAKHTIN

DE NADAI, Gisele Santos  
[giselessantos2@hotmail.com](mailto:giselessantos2@hotmail.com)

### INTRODUÇÃO

Uma das principais diferenças entre os seres humanos e os outros animais é a nossa capacidade de utilizar a linguagem não só para estabelecer uma interlocução com nossos semelhantes, mas também para refletir sobre o mundo em que vivemos. Linguagem essa que não concerne apenas à verbal, mas a todas as formas de linguagem que compõem a comunicação. Por meio das línguas que falamos, um tipo particular de linguagem, expressamos valores, sentimentos, desejos, definimos o que é bom e mau, justo e injusto, dentro de fatores externos e internos que subjazem questões de linguagem. Sendo assim, a linguagem constitui-se como o fator mais importante na vida dos indivíduos e das sociedades.

Partindo da premissa básica de que a linguagem é uma atividade humana que, nas representações de mundo que constrói, revela aspectos históricos, sociais e culturais, entendemos que é por meio da linguagem que o ser humano organiza e dá forma às suas experiências. Seu uso ocorre na interação social e pressupõe existência de interlocutores, ou seja, ela se apresenta relacionada a um conjunto complexo que são as relações sociais e, para observar a linguagem é necessário, segundo Bakhtin (2009), situar os sujeitos – emissor e receptor – bem como o próprio som no meio social, assim, emissor e receptor compartilhando a mesma comunidade lingüística, integrados na unicidade da situação social imediata faz com que a troca lingüística se efetive:

[...] a unicidade do meio social e a do contexto social imediato são condições absolutamente indispensáveis para que o complexo físico-psíquico-fisiológico que definimos possa ser vinculado à língua, à fala, possa tornar-se um fato de linguagem (BAKHTIN, 2009, p. 73)

Trata-se aqui de um estudo que emergiu da necessidade de apreender e discutir as concepções de linguagem de modo a se fazer uma análise geral com base em Bakhtin (2009), das orientações do pensamento filosófico-linguístico denominadas por esse autor de *subjetivismo idealista* e *objetivismo abstrato*. Um estudo que pretende elucidar algumas abordagens que vão nos direcionar no trabalho de nossas pesquisas e ajudar no

esclarecimento de questões sobre linguagem reconhecendo-as como fundamentais e norteadoras para pesquisas deste campo temático.

## QUESTÕES DE LINGUAGEM

Afinal, o que é linguagem? Bakhtin (2009) não propõe definições, mas diretrizes metodológicas que irão auxiliar na delimitação do objeto, captando-o na sua real natureza. Tarefa não muito fácil, pois para ele:

Toda vez que procuramos delimitar o objeto de pesquisa, remetê-lo a um complexo objetivo, material, compacto, bem definido e observável, nós perdemos a própria essência do objeto estudado, sua natureza semiótica e ideológica. Se isolarmos o som enquanto fenômeno puramente acústico, perderemos a linguagem como objeto específico. (BAKHTIN, 2009, p.72)

Percebemos com isso que a linguagem não se encontra como objeto específico, mas que ela se apresenta relacionada a um conjunto complexo que são as relações sociais. Então, conceituá-la seria de minha parte muito pretensioso, uma vez que para linguagem não existe um conceito perfeito. O que pretendo fazer é trazer abordagens que possam ajudar na compreensão do pensamento filosófico-linguístico que se dá num campo de estudo multifacetado e cheio de pluralidades.

O interesse pela estrutura e pelo uso da língua é muito antigo, mas só no século XIX os estudos da linguagem passaram a adquirir um status de ciência, com os estudos de Ferdinand de Saussure, que passou a questionar as lacunas deixadas pelos seus antecessores e estruturou a linguística dando a ela um objeto, definindo este objeto e limitando-o. Para isso ele dividiu a linguagem em dois aspectos: língua (*langue*) e fala (*parole*), classificando a língua como um produto social que tem as suas normas próprias, específicas, classificáveis, que são estudadas no ponto de vista de aspectos sincrônicos, ou seja, sem considerar fatores históricos, diacrônicos, e sim o que acontece na língua no momento; e a fala como um fenômeno constituído de atos individuais, tornando-se múltipla, imprevisível, irredutível a uma pauta sistemática, sendo a realização concreta da língua pelo falante. Vale a pena ressaltar que para Saussure (1989, p.22) “A língua é uma coisa de tal modo distinta que um homem privado do uso da fala conserva a língua, contanto que compreenda os signos vocais que ouve.”

Neste sentido, Saussure isolou o objeto de estudo (a língua) de todos os outros fenômenos – sociais, históricos, psicológicos – a fim de estudar somente os fatores internos da língua, pois para ele, o estudo da fala seria problemático por envolver todas as possibilidades imprimidas nela pelos falantes, e que esta deveria ser objeto de estudo de uma outra linguística que ele sugeriu como a linguística da fala. Por conseguinte, nos traz que “A cada instante, a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução: a cada instante, ela é uma instituição atual e um produto do passado” (SAUSSURE,1989, p.16).

Percebendo todo um estruturalismo nas abordagens de Saussure e querendo romper com o dualismo, as dicotomias impressas nas abordagens do “Pai da Linguística”<sup>15</sup>, Bakhtin o critica por produzir a separação entre língua e fala, língua e linguagem, entendendo que a linguagem deve ser observada no seu meio social e que língua/fala devem ser vistas como (2009, p.87) “[...] elementos constitutivos da linguagem, compreendida como totalidade (sem exceção) de todas as manifestações – físicas, fisiológicas e psíquicas – que entram em jogo na comunicação linguística”.

Por meio dessa crítica a Saussure, os estudos da linguagem passaram a considerar os elementos linguísticos produzidos em contextos sociais reais e concretos como participantes de uma dinâmica comunicativa. A compreensão linguística, para Bakhtin (2009), não está associada a normas, mas a contextos de uso de uma forma em particular.

Bakhtin (2009) contribui para complementar essas ideias valorizando a fala e afirmando sua natureza social em detrimento ao individual, por ela estar ligada às condições da comunicação perante as estruturas sociais. Esses argumentos conflitam-se com os de Saussure quando o mesmo não considera a língua um fato social, mas um produto, um objeto ideal, rejeitando as manifestações orais e individuais como objeto de estudo linguístico.

Tais considerações podem ser associadas a uma orientação do pensamento filosófico-linguístico denominada de o *objetivismo abstrato*, cujo principal representante, segundo Bakhtin, é Ferdinand de Saussure. No entanto, teceremos outras abordagens que se fazem pertinentes à complementação do estudo.

Nesta orientação, que delimita a linguagem, cada enunciação individual é única, mas que encontra elementos idênticos em outros grupos – fonéticos, gramaticais e lexicais. Quando alguém pronuncia uma palavra dá um tom próprio aos sons das letras, forma a sua própria pronúncia, mas sem interferir no sistema linguístico pelo seu caráter normativo e fixo. Assim, a pessoa recebe uma língua pronta, conforma-se com a estrutura e a normaticidade

---

<sup>15</sup> Ferdinand de Saussure passou a ser conhecido como o Pai da linguística moderna, visto ter sido a partir dos estudos linguísticos efetuados por ele que a Linguística passou a ser considerada como ciência.

dessa língua sem fazer interferências, pois esta se constitui independente da ação individual. Disso decorre que o sujeito e sua produção comunicativa são deixados de lado, assim como toda natureza social discursiva. Mesmo diante dos contextos e de tantas significações postuladas ao sistema linguístico, as palavras permanecem sendo unívocas, pois esta orientação não dá conta de uma enunciação completa que considere “a evolução ininterrupta das normas da língua” (BAKHTIN, 2009, p.93)

Os racionalistas, positivistas, estruturalistas têm uma ideia da língua posta dentro de um sistema fechado, no qual só interessa a lógica interna. A fala, o contexto, o extraverbal, os elementos transitórios, para Saussure e outros componentes desta orientação, não seriam objetos de estudo da linguística. Para Bakhtin, (2009, p.95) “os partidários do objetivismo abstrato tendem a afirmar a realidade e a objetividade imediatas da língua como sistema de formas normativas”, estudando “as línguas vivas como se fossem mortas e a língua nativa como se fosse estrangeira” (BAKHTIN, 2009, p.109).

Seguindo esta lógica, Bakhtin, nos apresenta alguns pontos essenciais que serviram de base ao objetivismo abstrato, que são:

1. Nas formas lingüísticas, o fator *normativo* e *estável* prevalece sobre o caráter *mutável*.
  2. O *abstrato* prevalece sobre o *concreto*.
  3. O *sistemático abstrato* prevalece sobre a *verdade histórica*.
  4. As formas dos *elementos* prevalecem sobre as do conjunto.
  5. A *reificação* do elemento linguístico isolado substitui a *dinâmica* da fala.
  6. *Univocidade* da palavra mais do que *polissemia* e *plurivalência vivas*.
  7. Representação da linguagem como um *produto acabado*, que se transmite de geração a geração.
  8. Incapacidade de compreender o processo gerativo *interno* da língua.
- (BAKHTIN, 2009, p. 106-107)

Com este entendimento, chegamos à conclusão de que a palavra com significado fixo só será possível no dicionário. Em face dessa afirmativa, Bakhtin nos traz que uma língua em evolução nunca pode ser formalizada e sistematizada. Para ele, toda *enunciação é de natureza social* e, por isso, nega o objetivismo abstrato, que não aceita a capacidade de as línguas evoluírem através do tempo e dos fatos linguísticos serem fatos vivos e em evolução.

Outra orientação do pensamento filosófico-linguístico, também criticada por Bakhtin por isolar a linguagem é o *subjetivismo idealista*. Nesta orientação, a pessoa recebe uma língua pronta e dá a ela a sua contextualidade de modo que ela possa evoluir, não pelos seus traços gramaticais, fônicos, mas pela realização estilística que cada um dá à enunciação. Com isso a língua é representada de maneira histórica, produtiva e evolutiva, numa expressão

constituída pelos sujeitos. Aqui a língua sofre variação pelo ato individual, é compreendida como expressão individual de um falante ou locutor.

O subjetivismo idealista considera a enunciação monológica de modo a refletir a respeito da pessoa que fala, no âmbito das formas de expressão, dos desejos e intenções que se colocam por detrás da fala, dos impulsos e dos gestos do locutor:

O subjetivismo idealista, ao contrário (do objetivismo abstrato), só leva em consideração a fala. Mas ele também considera o ato da fala como individual e é por isso que tenta explicá-lo a partir das condições da vida psíquica individual do sujeito falante. E esse é o seu *proton pseudos* (BAKHTIN, 2009, p. 113)

Além disso, entende que a expressão é um conjunto do conteúdo interior com a objetivação exterior, ou seja, no interior ela se origina, se cria, se organiza para atingir o material passivo exterior, como num processo de tradução. Segundo Bakhtin (2009, p.74) “As leis da criação linguística – sendo a língua uma evolução ininterrupta, uma criação contínua – são as leis da psicologia individual, e são elas que devem ser estudadas pelo lingüista e pelo filósofo da linguagem”.

Há de se destacar que, para esta orientação a situação social imediata e o meio social não determinam a estrutura da enunciação. Apenas o indivíduo, carregado de suas inquietações interiores e desvinculado de seu meio social determina a estrutura de sua fala, como se fosse possível não situar os sujeitos – emissor e receptor – no processo de interação verbal, não levar em conta que quando socializam de uma mesma realidade, tornam a compreensão da enunciação mais eficiente, caso contrário, a transmissão e a compreensão da mensagem ensejará por explicações mais agudas ou não se fará efetivamente compreendida.

A fim de explicitar esta orientação, Bakhtin (2009, p. 74-75) também nos apresenta posições fundamentais, sintetizadas nas seguintes proposições:

1. A língua é uma atividade, um processo criativo ininterrupto de construção (“energia”), que se materializa sob a forma de atos individuais de fala.
2. As leis da criação linguística são essencialmente as leis da psicologia individual.
3. A criação linguística é uma criação significativa, análoga à criação artística.
4. A língua, enquanto produto acabado (“*ergon*”), enquanto sistema estável (léxico, gramática, fonética), apresenta-se como um depósito inerte, tal com a lava fria da criação linguística, abstratamente construída pelos linguistas com vistas à sua aquisição prática como instrumento pronto para ser usado”

Para o subjetivismo individualista, como também é conhecida, não se pode isolar uma forma linguística do seu conteúdo ideológico individual. Bakhtin aceita essa proposição em parte, pois coloca que os fatores sociológicos também estão presentes, enfatizando que “o

centro organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo” (BAKHTIN, 2009, p. 125).

Considera-se, com base no que foi exposto, que Bakhtin, ao pontuar a interação verbal como o que constitui a realidade da língua, nega também o subjetivismo individualista, quando este assume o indivíduo como o centro do estudo da linguagem, como se não sofresse influências significativas do contexto que vivencia e como se a estrutura da enunciação e a atividade mental a exprimir não fossem de natureza social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso ficar claro que a língua, assim como os sujeitos que a praticam, são unidades heterogêneas, não podendo, portanto, ser analisada isoladamente, desvinculada do seu contexto ideológico-histórico-social, nem pode ser examinada de uma forma estática, pois está sempre evoluindo. Nesta linha de pensamento, Bakhtin pondera que, tanto o objetivismo abstrato como o subjetivismo idealista não dão conta de explicar a complexidade sociológica e discursiva da realidade de uma língua, interface às complexidades que subjazem questões de linguagem. Dialogando com essas correntes, mas não as tomando como única, ele afirma que ambas negam o caráter dialógico da linguagem e sua natureza sócio-histórica e ideológica.

Ainda, é preciso salientar que para compreendermos o verdadeiro papel que a língua desempenha na sociedade hoje, precisamos ir além das discussões que as duas correntes propõem, uma vez que a língua se adapta a todas as formas de enunciação, nos seus mais diferentes contextos, numa constante reinvenção, constituindo a linguagem na interação verbal:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 2009, p. 127)

Portanto, o estudo que emergiu da necessidade de apreender e discutir as concepções de linguagem, a partir das críticas construídas por Bakhtin, ganha aqui algumas considerações que poderão nos direcionar no trabalho de nossas pesquisas e ajudar no esclarecimento de questões – de linguagem – que antes não estavam tão definidas, claras, entendidas em nosso interior.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Michael. **Marxismos e filosofia da linguagem**. 13<sup>a</sup> edição. São Paulo: HUCITEC, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Editora Cultrix: 1989.